

A PRESENÇA DA LITERATURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL I

Cristiane Margarete de Jesus¹
Priscila Maria de Jesus²

Resumo: O presente artigo apresenta uma reflexão inicial sobre os processos de letramento literário infantil, por meio de livros e histórias contemporâneas, enfocando a presença da representação afro-brasileira nos mesmos. A partir de uma análise no cenário editorial contemporâneo e o material didático presente em duas escolas na área metropolitana de Salvador/BA, o texto ressalta a importância da presença da representação negra nos textos infantis, sobretudo no processo de letramento.

Palavras-chave: Letramento literário; Literatura Infantil; Literatura afro-brasileira.

Quando se pensa na criança e na primeira infância, imagina-se “um punhado de crianças”, riscando e/ou rasgando papéis, pintando paredes, manuseando livros aleatoriamente e sem um sentido para essa atividade. Faz-se necessário uma atenção maior e particular, talvez requeira até uma sensibilidade mais apurada para perceber que nesta fase a criança se encontra na fase de construção do seu conhecimento a partir da manipulação de objetos – livros por exemplos – na realização e participação em diversas experimentações, não como meras cobaias que estão ali para serem manipuladas – elas são quem precisam manusear, manipular –, mas enquanto seres pensantes e capazes de se relacionarem positivamente com o novo mundo que se revela à sua frente, segundo Piaget (apud FERNANDES, 2014) as ações desempenhadas pelas

¹ Graduada em Letras com Espanhol pela Universidade do Estado da Bahia, Mestranda do curso de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Sergipe, Bolsista CAPES, Campus Itabaiana, e-mail: cristianemdj@gmail.com

² Museóloga, Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, Docente efetiva do Núcleo de Museologia da Universidade Federal de Sergipe, e-mail: priscilamdj@gmail.com



crianças revelam logicidade, mesmo antes de demonstrarem conhecer os mecanismos de fala.

Nessa fase, mesmo antes de falar e pensar, a criança consegue realizar condutas consideradas lógicas, ligadas à ação sobre objetos concretos. Um bebê de 8 meses, por exemplo, pode afastar um brinquedo para pegar outro de seu interesse. "Nesse caso, ele coordena dois esquemas: um esquema meio (afastar) e outro esquema fim (pegar). Trata-se de uma integração recíproca entre duas ações e não só uma associação mecânica", afirma Adrian Oscar Dongo Montoya, professor da Unesp, campus de Marília. (FERNANDES, 2014)

Desde tenra idade as crianças apresentam interesse pela ‘leitura’, seja a verbal ou a imagética, seja a realizada por pais ou pela professora da creche e/ou escola. Embora apresentem um interesse tão contagiante para a ‘leitura’, para aqueles que estão ao seu redor, muitas delas, quando adentram as instituições destinadas a ‘ensiná-las’ a ler e a escrever, algo acontece, parece que aquele gosto pelo ‘ler’ desaparece ou vai desaparecendo aos poucos, ao ponto de o Brasil ser hoje um país rico em crianças e jovens, mas tão pobre em interesse pela leitura, um país de não leitores, e muitos são os estudiosos que se questionam a respeito dessa incógnita. Quantos de nós, enquanto crianças apresentavam amor pelos livros e, quando adultos, começaram a ‘fugir’ deles ou, simplesmente, ignorá-los, sem uma explicação aparente e plausível?

A escuta de narrativas: sejam contos de fadas, sejam contos maravilhosos, encantam ora pelas aventuras mirabolantes desempenhadas por um herói – permitem com que as crianças se identifiquem com personagens e, assim, minimizem sentimentos de medo e/ou angústia por uma vivência ainda em comunhão com o desconhecido –, ora pela presença de seres fantásticos que aguçam a criatividade; sejam poemas longos ou poemas curtos, que apresentam musicalidade através de onomatopeias presentes em seus versos que encantam e ‘ensinam’ a leitura e a escrita, aprendizagem adquirida a partir da ludicidade o que possibilita uma aprendizagem real, ampliando a percepção de mundo e criando espaços para o desenvolvimento de habilidades concernentes à expressão e à comunicação com todo e qualquer um que faça parte de sua vida. São direitos de todas as crianças, embora, ainda, pareça uma visão complexa, principalmente, em um país em que o número de crianças que desconhecem a alfabetização, ou a adquirem posteriormente a uma ‘idade certa’, ainda se revele preocupante.

Já não existem mais dúvidas quanto à importância da leitura para o aprimoramento do aprendizado do ser, enquanto ser letrado para o mundo, bem como,

inexiste uma idade padrão para essa iniciação. Muitos são os autores que reafirmam o seu valor no processo ensino-aprendizagem como “a leitura não consiste tão-somente em uma prática adquirida, [...]. Constitui primordialmente um modo de relacionamento com o real, indispensável para a compreensão desse e para o estabelecimento de um modo de agir”. (ZILBERMAN, 2012, p. 64). Para Brito e Vieira, “o ato de ler/escrever é de suma importância em todos os níveis educacionais, pois se constitui como uma forma de [...] aquisição de diversos pontos de vista, ampliação de experiências e transmissão e transformação cultural.” (2013, p. 301).

Agora, cabe repensar estratégias para que a criança perceba a importância da leitura e desenvolva habilidades como “Interesse pela leitura e escrita como fontes de informação, aprendizagem, lazer e arte.” (PCN, 1998, p. 64), para a compreensão do mundo através da busca e encontro do sentido do texto, seja qual for o gênero selecionado para o desenvolvimento do trabalho pleiteado. Logo, faz-se necessário uma reflexão sobre o papel do professor e de todo aquele que desempenha função similar, bem como, sua importância para tornar a aprendizagem e gosto pela leitura e pela escrita possíveis, através de estratégias cognitivas de leitura para “o desenvolvimento de *habilidades linguísticas*³ que são características do bom leitor” (KLEIMAN, 2008, p. 49), como um dos requisitos básicos para a aquisição do letramento, possibilitando a construção de sentidos por intermédio das relações estabelecidas entre os diversos textos manuseados pelas crianças.

O utilização de contos de fada clássicos, como os irmãos Grimm, na infância é devido à leveza com que eles apresentam as suas histórias, o que mais os aproximam da natureza das crianças. Para Nelly Novaes Coelho, tanto Perrault quanto os irmãos Grimm, revelam esse comportamento: “Tanto em Grimm como em Perrault predomina a atmosfera de leveza, bom humor ou alegria, que neutraliza os dramas ou medos existentes na raiz de todos os contos. Daí essa literatura entender-se tão bem com o espírito das crianças.” (COELHO, 1987, p. 75).

O gênero textual conto revela-se de valiosa importância para a manutenção da imaginação por parte da criança e de jovens e pela condição deles necessitarem do desenvolvimento de uma mente criativa, associado ao letramento, aqui visto como um conjunto de conhecimentos, habilidades e competências imprescindíveis para a manifestação na língua materna, com autonomia, através de práticas sociais, habilitando o indivíduo a um comportamento participativo e competente em uma sociedade que

³ Grifo feito pelo autor.

‘valoriza’ e ‘exige’ uma cultura letrada, algo que a escola pública, e tantas outras, pouco se preocupam diante de tantos desafios com os quais estas instituições estão envolvidas.

O ato de contar ou narrar uma história por si só já demanda uma ativação da memória criativa do contador, que vasculha sua mente em busca do fato apreendido em um dado momento de sua história de vida, seja um acontecimento real ou imaginário, falso ou verdadeiro, o que demandará em um processo inicial de construção criativa, através da 'arte de inventar' como sugere Gotlib:

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato copia-se; um conto inventa-se, afirma Raúl Castagnino. A esta altura, não importa averiguar se há *verdade* ou *falsidade*: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se apresentar algo. (GOTLIB, 2011, p. 12)

Para se compreender uma mensagem faz-se necessário que o conhecimento dos interlocutores sejam, em parte, similares, em parte compartilhados. Para Koch “o sentido de um texto não existe *a priori*, mas é constituído na interação sujeitos-texto. Assim sendo, na e para a produção de sentido, necessário se faz levar em conta o contexto.” (2006, p.57). Ou seja, quanto mais o conhecimento for compartilhado mais compreensão haverá entre o leitor e o texto ou o leitor e outro leitor nas produções orais, visto que, para Koch “a leitura é uma atividade altamente complexa de produção de sentidos que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes”. (2006, p. 57).

Para tanto, requer do educando o conhecimento prévio de mecanismos que permitam a compreensão das várias leituras realizadas, pois, para Cavalcante (2012), tanto na produção textual, quanto na leitura e compreensão é primordial a ativação de conhecimentos adquiridos por meio da leitura e apreensão de outros textos, “Assim sendo, nenhum texto pode ser tomado isoladamente, desvinculado de qualquer outro, mas, sim, em sua intrínseca relação com outros exemplares textuais.” (CAVALCANTE, 2012, p.145).

Para tanto, o leitor, visto como peça chave para a atribuição de sentidos a um determinado texto – e diversos –, percebe que “identificar a presença de outro(s) texto(s) em uma produção escrita depende e muito do conhecimento do leitor, do seu repertório de leitura. Para o processo de compreensão e produção de sentido, esse conhecimento é de fundamental importância.” (KOCH, 2013, p. 78).

O gênero textual conto de fadas, apresenta toda uma dinâmica que incentiva a criatividade e o interesse por parte das crianças, a partir da história em curso com sua complexidade/riqueza/dinamicidade. Para Novaes Coelho (1987), as narrativas conto de fadas, fazem parte de um grupo especial de contos – primeiro grupo –, assim como os contos maravilhosos – segundo grupo:

As narrativas do primeiro grupo são *contos de fadas*. Com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) e têm como eixo gerador uma *problemática existencial*. Ou melhor, têm como núcleo problemático a realização essencial do herói ou da heroína, realização que, via de regra, está visceralmente ligada à união homem-mulher. (COELHO, 1987, p.13)

Esse gênero textual está relacionado às grandes ações e aventuras empreendidas pelos personagens, o que atrai a atenção das crianças e os motiva a vencer as etapas através das façanhas do herói ou da heroína, colocando-se no lugar dos personagens de forma virtual. Assim, para Novaes Coelho:

A fabulação básica do *conto de fadas* expressa os *obstáculos* ou *provas* que precisam ser vencidas, como um verdadeiro ritual iniciático, para que o herói alcance sua auto-realização existencial, seja pelo encontro do seu verdadeiro eu, seja pelo encontro da *princesa* que encarna o *ideal* a ser alcançado. (1987, p. 13)

Assim, o gênero textual conto de fadas, aqui explicitado, pode ser considerado como um ponto de partida para a colocação de um problema que vem se repetindo continuamente no espaço escolar, por se encontrar tão enraizado em nossa cultura, em nosso país: a não valorização da cultura afro-brasileira – e, com isso, personagens que possibilitem a auto identificação de crianças em leituras contemporâneas utilizadas em livros didáticos e paradidáticos, mais precisamente em escolas públicas do Ensino Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental I.

O desafio é o que fazer para despertar o interesse das crianças pela leitura. Desafio que se agrava quando se repensa a situação de crianças que não se veem representadas por meio de traços e perfis afro-brasileiros, que procuram e não se encontram em contos e histórias contemporâneos. Poucos são os títulos que se enveredam por essa temática. De certo que, houve em um dado momento na história da literatura infantil, no Brasil, uma tentativa de valorização de histórias em paradidáticos que buscavam valorizar o perfil afro-brasileiro de crianças frequentadoras de creches e escolas, seja pública ou privada. Se em narrativas como contos de fadas aparecem como

eixo gerador uma *problemática existencial*, ou seja, revelam como núcleo problemático a realização pessoal de um herói ou de uma heroína, como crianças que não se vem representadas imgeticamente podem internalizar determinados conceitos se inexistesse essa correlação de o outro e eu, em um momento em que a criança se percebe no mundo através da imagem que o outro reflete. Assim, as histórias precisam construir uma ponte entre o real e o imaginário e, ao mesmo tempo, permitir essa auto identificação, ressignificando a aprendizagem.

Em todos, o sobrenatural, o maravilhoso, as metamorfoses, o destino... são a grande presença. Em todos, há sempre grandes provas a serem vencidas para que as personagens alcancem o que desejam. Entre o *real do cotidiano* e o *mistério do imaginário*, desaparecem as fronteiras, mostrando a vida como algo muito difícil de ser enfrentado, mas, talvez por isso mesmo, extremamente valiosa e merecedora dos mais extremos sacrifícios. (COELHO, 1987, p. 75)

A Representação do Negro nos contos infantis

Pensar o Brasil como uma nação multiétnica tem permeado o discurso e muitas das ações realizadas ao longo dos últimos anos, mas apesar dessa valorização da diversidade, a mesma acabou por não alcançar os níveis sociais, educacionais e de desenvolvimento econômico, onde grande parte da população que vive em situação de pobreza se declaram como negros ou pardos no IBGE. A partir de políticas de ações afirmativas e a mobilização da sociedade negra, questões raciais e de se pensar uma “inclusão” do negro no cenário nacional, não como aquele que precisa ser unicamente ajudado, mas produtor de uma cultura, de uma arte e que precisa ser visto e aceito enquanto parte de um grupo maior, permitiu a criação de ações, que tem culminado em aberturas de museus, criações de prêmios, cotas nos vestibulares, bolsa-auxílio e mais recentemente a discussão de cotas em concursos públicos.

É necessário perceber, que embora várias ações por parte das sociedades e grupos negros sempre tenham sido feitas, apenas não alcançavam grande repercussão ou não eram vistas como passíveis de serem divulgadas, como uma literatura própria, uma arte própria, que incorporam elementos de sua ascendência cultural, remontando à matrizes africanas e, em muitas vezes, mesclando-se com culturas outras presentes no contexto social, sobretudo a europeia e a indígena. Ou quando há a representação do negro, nas histórias infantis, são caricaturadas ou sempre assumem um mesmo papel de pobres, serviçais, sem acesso à educação. Um ícone na literatura infantil desse estereótipo é a personagem Tia Nastácia, do livro *Sítio do Pica Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato.

Nesse processo, as representações negras, seguirão um padrão, de conhecimento adquirido pela oralidade e não pelos livros, uma vez que não são letrados; desempenham papéis serviçais. Assim, segundo Jovino:

Os personagens negros não sabiam ler nem escrever, apenas repetiam o que ouviam, ou seja, não possuíam o conhecimento considerado erudito e eram representados de um modo estereotipado e depreciativo. (2006, p. 188)

No cenário político, as leis ou ações afirmativas, tiveram repercussões favoráveis ou contraditórias, entre eles a busca por uma valorização da cultura afro-descendente, sobretudo a partir da década de 1970, época em que os personagens negros nas histórias infantis começam a deixar de ter essa visão estereotipada e depreciativa.

O resultado dessa proposta de representação mais próxima da realidade social brasileira é um esforço desenvolvido por alguns autores para abordar temas até então considerados tabus e impróprios para crianças e adolescentes como, por exemplo, o preconceito racial. O propósito de uma representação mais de acordo com a realidade nem sempre é alcançado. (JOVINA, 2006, p. 188)

No contexto educacional atual, a Lei 10.639/2003, que prevê o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira no ensino básico. Logo, faz-se necessário uma reflexão sobre o papel do professor e de todo aquele que desempenha função similar, bem como, sua importância para a afirmação de uma cultura afro-brasileira, bem como a valorização das questões éticas. Pensar a questão de ações afirmativas para a literatura infantil, pressupõe a realização de metas que contemplem novos contos de fadas, novos personagens de identificação por parte da população infantil. Levando-se em consideração as fortes raízes e influências negras africanas na cultura e formação da sociedade brasileira, percebe-se que esta, não se vê inteiramente contemplada nos gêneros literários infantis, onde o padrão branco europeu, ainda é a grande maioria. A falta de referenciais negros na programação infantil – como a presença de uma princesa Disney finalmente negra, ou uma personagem de desenho de família negra “Doutora Brinquedo”, que roubou a cena e integrou a programação dos canais fechados, possibilitando, em parte, uma aproximação, quanto a questões éticas, embora o abismo se faça valer, nas construções culturais dos personagens citados anteriormente, em relação com a perspectiva social brasileira.

A valorização da leitura, de uma leitura significativa e prazerosa se revela de grande importância, tão quanto a capacidade do leitor se ver representado, perceber

lembrado nas linhas e entrelinhas de aventuras desempenhadas pelo herói valente, corajoso e capaz de enfrentar e vencer milhares de obstáculos para alcançar o prêmio desejado, seja riquezas, títulos ou a mão da princesa cobiçada, ou quem sabe, a busca por um tesouro escondido ou simplesmente o encontro consigo mesmo, a resolução de questionamentos pessoais que permeiam o imaginário infantil. Através da escuta, e posteriormente, da leitura, a criança vai se apropriando da base alfabética, dos mecanismos da aquisição da leitura, assim como, da sua identificação enquanto pessoa no mundo.

A problemática referente a não representação da criança afrodescendente, gera situações de desconforto por não se ver representada em livros didáticos e paradidáticos, por intermédio de histórias, até um grau mais agravante em que essa sensação/situação começa a passar despercebida pelos leitores, pois por trás de toda ação existe uma ideologia dominante que intenciona alienar ideias e entorpecer mentes pensantes, coisificando ideias e tolhendo a criatividade latente de crianças em uma fase de experimentação, aprendizagem e reflexão.

Em escolas do Fundamental I, localizadas na área metropolitana de Salvador, como Lauro de Freitas e Camaçari, no ano 2008, e anos subsequentes, receberam através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, um acervo literário relacionado ao Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE/2008, para que atendessem aos alunos das séries iniciais do ensino fundamental, tendo como objetivo fazer parte da biblioteca das escolas. Após um breve levantamento dos títulos, conclui-se que alguns autores já são conhecidos do público infantil, bem como de professores, como por exemplos, têm-se: *A moça tecelã*, de Marina Colasanti; *Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda*, recontado por Márcia Willians; e *25 anos do Menino Maluquinho*, de Ziraldo – texto reconhecido pelas crianças pela produção em quadrinhos, bem como, pelas histórias repletas de aventuras e traquinagens que possibilitam uma identificação crianças através do personagem central. No entanto, poucos são os títulos que trazem temáticas de reafirmação e valorização da estética e cultura afro-brasileira, assim como, títulos que atentem para a riqueza da ancestralidade africana e de sua contribuição para a formação do povo brasileiro. Em um país com um alto contingente de descendentes de negros e, hoje, com políticas públicas direcionadas para uma amenização das perdas e ‘reparação’ de injustiças vivenciadas por essa grande parcela da sociedade brasileira. Dois títulos chamam a atenção: Um é *Ulomma: a casa da beleza e outros contos*, do nigeriano Sunday Ikechukwu Nkeechi, mais conhecido

como Sunny. Essa obra traz uma coletânea de contos africanos contados pelos antepassados do autor, repleto de ricas ilustrações e um retorno às expressões culturais africanas.

Este livro é uma pequena coletânea de ricos contos africanos que meus antepassados usavam para ensinar lições importantes de maneira simples e divertida. Naqueles dias, durante as noites de lua cheia ou nova, as famílias se reuniam debaixo dos pés de mangueira para contar e ouvir histórias, que eram sempre acompanhadas de música, cantada e dançada por todos – um bom antídoto contra o sono que poderia vir a roubar nossa atenção. Em *Ulumma: A Casa da Beleza e Inine*, reproduzi canções que entoávamos no meu idioma, o ibo.

Cada conto tem seu ensinamento, é como um bom prato de comida. Só quando bem saboreado e depois de digerido é que podemos ver o seu efeito. (SUNNY, 2006)

A estrutura do livro está dividida em cinco contos, sendo dois mencionados na citação. O outro título refere-se à possibilidade da existência de uma amizade verdadeira entre duas meninas ‘diferentes’ uma negra e outra branca, que iniciam a história como melhores amigas, crescem, distanciam-se e voltam a ser amigas. A história de Rosane Svartman, *Melhores amigas*, assemelha-se a muitas histórias vividas por pessoas comuns: cumplicidade dos tempos de criança, que ao passar dos anos desaparece enquanto novos amigos e vivências atuais surgem na vida de ambos.

São títulos que devem fazer parte de várias bibliotecas de escolas públicas. Mas ainda, são poucos em relação à enxurrada de outros títulos que chegam às escolas, que são vendidos em livrarias e que são ‘lembrados’ pelos livros didáticos elaborados para esses educandos, assim como em revistas de repercussão nacional como na Edição Especial, número 41, da Nova Escola, *100 indicações de livros*, com resenhas de títulos para turmas da creche ao 9º ano. O preocupante é que dentre cem títulos, não há uma referência explícita quanto a uma obra que repense a condição da não representatividade da criança afro-brasileira com suas peculiaridades e riquezas, para que a mesma, se veja refletida nesse objeto valioso e se aceite. Apesar da grande diversidade étnica existente em um país como o Brasil, ainda se perpetuam títulos que reafirmam dogmas de uma ideologia dominante branca e, que, mesmo ‘não intencionalmente’, obrigam mães a alisarem os cabelos de suas meninas para que fiquem semelhantes aos das princesas das histórias escutadas e lidas nas escolas e em suas residências. Tais reflexões partem da análise dos livros paradidáticos enviados para as escolas, ou no caso de títulos existentes nas livrarias.

O processo de aceitação de si mesmo e dos outros requer investimentos maciço. São seres pertencentes a um mundo que avança gradativamente nas novas tecnologias e,

em contrapartida, a mentalidade ainda permanece presa em preconceitos nocivos e danosos para mentes que estão em formação e buscam a aceitação para a elevação da autoestima e a permanência na ‘escola da vida’.

Assim, ao levantar os títulos apresentados pelas editoras voltadas para o público infantil, percebe-se uma predominância e quase esmagadora da representação de personagens brancos, mesmo quando as releituras realizadas dos contos, poderiam trazer uma inovação quanto aos personagens existentes. Na atualidade, destaco dois títulos que buscam, por meio de uma linguagem divertida e fácil, apresentar para o público infantil, que cada pessoa é diferente e devemos nos aceitar, como somos.

No livro infantil *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!* da escritora e professora universitária Lucimar Rosa Dias, apresenta Luanda, uma menina sapeca, inteligente, que gosta de brincar e comer chocolate. Ela é vaidosa com seus cabelos crespos e adora usar penteados diferentes, então um dia ela usa tranças, outro o cabelo preso, outro dia com enfeites, e toda sua família ajuda, papai, mamãe e vovó, enfocando que cada pessoa tem o seu jeito especial de ser. O texto apresenta uma estrutura simples, narrativa em primeira pessoa, com frases curtas e objetivas voltadas para a compreensão do público infantil. Os traços apresentados pela ilustrada Sandra Lavandeira, remetem ao fenótipo afrobrasileiro, como a presença dos cabelos crespo, a pele mais escura, olhos grandes e escuros, o que possibilita uma sensação de reconhecimento e identificação por parte do leitor, sobretudo os de origem afrodescendente. É interessante destacar, que apresentar uma personagem como tantas outras crianças existentes, que se aceita e que valoriza suas características, mas que não tenta se remeter a um referencial branco europeu, possibilita uma discussão orientada pelos professores em sala de aula sobre os temas abordados no livro e como eles podem ser entendidos/vistos no dia a dia dos discentes.

Outro livro que rompe com o estereótipo existente, é a releitura do clássico *A Princesa e a Ervilha* da escritora e ilustradora Raquel Isidoro. A autora busca estabelecer paralelos e adaptar os contos de Hans Christian Andersen para o universo africano, assim, nesse livro, a ervilha serve como um elo mágico de descoberta da cultura negra. Nesse caso, trata-se de uma releitura de um clássico infantil, para um universo contemporâneo e totalmente diferente daquele original, que busca por meio de sua narrativa desvelar as várias culturas existentes no continente africano, por meio de uma história já conhecida. Nesse livro a autora traz elementos voltados para pensar a religiosidade negra africana, desmitificando ideias pré-concebidas e mostrando para o

leitor a riqueza e a diversidade cultural dos grupos étnicos africanos. O interessante dessa autora é que ela possui vários títulos que seguem a mesma linha, readaptações tendo como cenário o continente Africano.

Considerações Finais

Nesse contexto de literatura que trazem valores e a estética negra africana ou afro-brasileira, tem surgido um grande número de publicações, mas que, muitas vezes, não chegam às prateleiras das grandes livrarias, uma vez que muitas, são produções independentes o que dificulta a sua circulação. Em um levantamento feito no mês de março de 2014 em grandes livrarias nas cidades de Aracaju e Salvador, percebeu-se que muitas não apresentavam algum título com essa vertente, ou muitos poucos ou os vendedores não conheciam nenhum para indicar, quando questionados de títulos aleatórios.

Percebe-se que há uma grande variedade de títulos infantis com personagens ou remetam ao universo cultural afro-brasileiro, mas a grande maioria está concentrada em pequenas editoras e/ou selos independentes. Embora o mercado editorial com histórias que remetam ao universo simbólico, cultural, social e/ou religioso africano e afro-brasileiro tenha se expandido, sobretudo nas últimas décadas, o processo de chegar esses livros até as estantes das grandes livrarias brasileiras, ainda é lento.

Assim, embora haja um movimento cada vez maior de valorização e afirmação da cultura afro-brasileira e africana, é perceptível que ainda nas escolas, nas livrarias, esse movimento ainda não ganhou grande repercussão, tornando-se necessária a realização de atividades focadas, que permitam que os professores e a sociedade, em geral, possam ter acesso à produção literária para o público infantil, como uma forma de autoafirmação e identificação por parte da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS:

- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN/ Língua Portuguesa (1º e 2º). Brasília, MEC/SEF. 1998.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN/ Língua Portuguesa (3º e 4º). Brasília, MEC/SEF. 1998.
- BRITO, Francisca Francione Vieira de; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Gênero digital: a multimodalidade ressignificando o ler/escrever. *Signo*, Santa Cruz do Sul; v. 38, n. 64, p. 293-309, jan./jun. 2013.

- CAVALCANTE, Mônica M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas*. São Paulo: Ática, 1987.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- JOVINA, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Forentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 12ª ed. Campinas: Pontes, 2008.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- KOCH, Ingedore Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- ZILBERMAN, Regina. Leitura: dimensões culturais e políticas de um conceito. *Nonada* Letras em Revista. Porto Alegre, ano 15, n. 18, p. 47-70, 2012.